

CURSO DE ECONOMIA PURA ⁽¹⁾

TERCEIRA PRELECCÃO

O CYCLO ECONOMICO — VALOR E PREÇO — O
MERCADO — CONDIÇÕES ESPECIAES REFEREN-
TES Á PROCURA — A ELASTICIDADE DO CONSU-
MO — A PROCURA GERAL E O EQUILIBRIO
PARCIAL

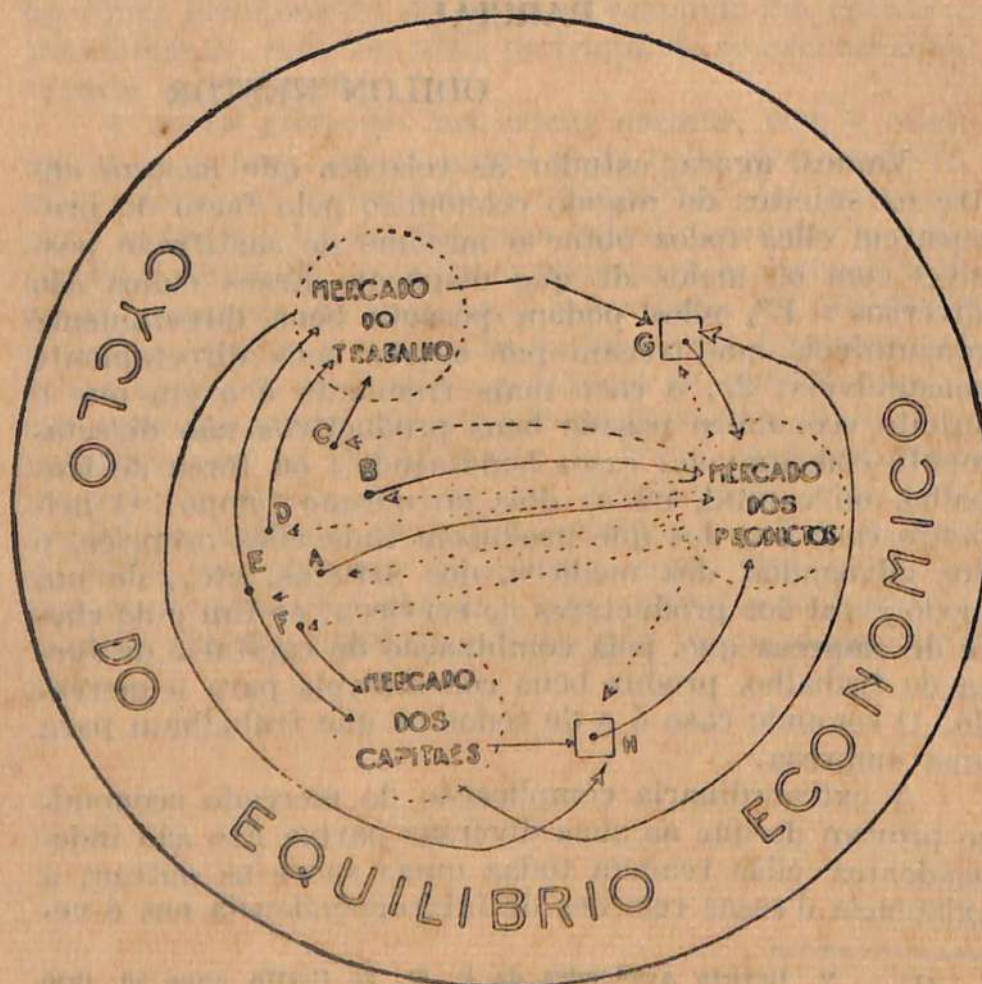
ODILON NESTOR

Vamos, agora, estudar as relações que nascem entre os sujeitos do mundo economico pelo facto de procurarem elles todos obter o maximo de satisfação possível com os meios de que dispõem. Esses meios são diversos : 1.º, elles podem possuir bens directamente consumiveis que trocam por outros bens directamente consumiveis; 2.º, o caso mais frequente é o em que o sujeito economico possúe bens productivos não directamente consumiveis; esses bens sendo : ou força de trabalho, ou capital, ou os dois ao mesmo tempo. O primeiro caso é o dos que produzem tudo elles proprios, o dos advogados, dos medicos, dos artistas, etc., de um modo geral dos productores de serviços; emfim o do **chefe de empresa** que, pela combinação de capital e de força de trabalho, produz bens consumiveis para o mercado. O segundo caso é o de todos os que trabalham para uma empresa.

A extraordinaria complicação do mercado economico provem de que as suas diversas partes não são independentes, ellas reagem todas umas sobre as outras; a existencia d'essas relações de interdependencia nos é ve-

(1) — V. Revista Academica da F. D. do Recife, anno 38, 1930 e anno 39, 1931.

lada pelo papel intermediario da moeda. Nós vemos um operario receber seu salario, depois comprar alimento, roupas, etc., e esquecemos que o verdadeiro phenomeno é o de toda uma massa de homens que trabalham uns para os outros e que trocam, todos, seus productos ou seus bens ao mesmo tempo. A linguagem ordinaria não se presta bem á descripção exacta d'esse phenomeno, e a linguagem mathematica além de não ser accessivel se não a uma minoria, fica ainda infelizmente muito abstracta. Para explicar esse mecanismo de accões interdependentes temos pois que proceder pouco a pouco, indo do simples ao complicado; mas antes, seria bom tomar-mos conhecimento de um schema — o schema geral do cyclo economico, esboçado por Bousquet — e que indica de uma maneira geral de que se trata.



Os pontos A, B, C, ..., G, H, representam os sujeitos do mundo economico, e as setas o sentido no qual se effectuam os processos economicos. De uma maneira geral A, B, C, ..., G, H, trocam o que possuem por outros bens que elles vão adquirir no mercado dos productos. Essa corrente de bens, que vae do mercado dos productos dos sujeitos **como consumidores**, é representada por setas de linhas quebradas. Alguns, taes como A e B, trocam directamente seus productos, no mercado dos productos, por seus proprios bens, sem passar por intermedio do mercado do trabalho ou do capital. Em pratica, isso se dá pela intervenção da moeda; a cada corrente de bens, representada por uma das setas, corresponde em cada caso uma corrente de moeda no outro sentido; A "vende" o seu producto e "recompra" o de B, etc. Mas vê-se que o processo não mudaria de natureza se elle trocasse o seu producto pelo de B. Para os outros, C, D, ..., G, H, o processo é mais complicado. C e D dispõem somente de sua força de trabalho, elles a levam ao mercado das forças de trabalho, onde os chefes de empresas G, H, a "compram"; elles "compram" igualmente capitães no mercado dos capitães, onde os levaram os que os possuem, seja que, como F, seus possuidores não trabalham, seja que, como E, elles trabalhem tambem, pondo igualmente as suas forças de trabalho ao serviço dos chefes de empresas. Estes, graças a esse capital e a essa força de trabalho, trazem ao mercado os seus productos fabricados. Assim uma corrente de moeda vae do mercado dos productos para os chefes de empresas, ella volta parcialmente a esse mercado, pelas compras do chefe de empresa, depois pelas compras de C, D, E, F, para a remuneração de seu trabalho ou de seus capitães. Emfim, faz-se em redor da figura um circulo para indicar que se deve sempre considerar o conjunto do phenomeno. Quando os sujeitos agem no mercado dos productos como compradores, elles tentam obter o **maximum** de utilidade distribuindo as suas compras de tal modo que as utilidades finaes dos bens sejam iguaes. São pois seus desejos e suas necessidades que regulam a produção feita por meio de seu trabalho e de seus capitães. Para a venda d'estes, como para a venda no mercado dos productos, o vendedor trata ao contrario de obter o maximo de moeda. Teremos que tirar ainda

muitos ensinamentos d'essa figura d'aqui em deante. Basta, por ora, fixar que em summa os sujeitos todos produzem para o mercado dos productos, quer directa, quer indirectamente, e que o que elles veem ahi tirar é o que lhes dão as suas mercadorias, directas ou indirectas, a moeda não sendo senão um intermediario, um "lubrificante" de todo o systema.

Podemos, agora, decompôr os elementos dessa imagem prodigiosamente simplificada do mecanismo estudando as suas differentes peças. Começemos nos occupando de **equilibrios parciaes**, sem ter em consideração o conjuncto do mecanismo.

— Vamos definir, primeiro, o **valor** e o **preço**: o **valor de troca** (ou simplesmente "valor") de um bem A n'um momento dado em relação a um bem B é a quantidade de B que é preciso dar para se obter A; dado que B seja moeda, o valor de A se chama o seu **preço**.

Numerosas discussões inteiramente inuteis se agitaram e se agitam ainda a respeito do valor. Do mesmo modo que a utilidade, suppunha-se que elle era uma propriedade objectiva das coisas, quando elle unicamente é a expressão de um facto momentaneo. Pedro troca o seu boi por seis carneiros pertencentes a Paulo; o boi de Pedro vale seis carneiros, cada carneiro um sexto de boi. No dia seguinte, elle troca dois bois por onze carneiros, cada boi não vale mais que cinco carneiros e meio, cada carneiro dois undecimos de boi. Não ha absolutamente outra coisa que procurar na definição do valor. Se, em vez de carneiros, tivessem sido notas de 100 mil réis, nós teriamos falado de preço em vez de valor de troca; o preço do boi seria primeiro de 600 mil réis, e depois de 550.

Poderíamos agora vêr o problema seguinte: Suppondo conhecidos, no mercado dos productos, os preços de todas as mercadorias (salvo uma) nós perguntamos como se determinaria o preço de venda desconhecido da ultima mercadoria, dadas as disposições dos vendedores e dos compradores. Trata-se pois de um problema de equilibrio parcial.

O mercado economico de um bem dado tem os caracteres seguintes: 1.º As transacções versam simultaneamente sobre um grande numero de objectos ou de serviços identicos; 2.º um contacto geral é estabelecido

entre os compradores e os vendedores; 3.^o as condições de todas as transacções estão sujeitas a uma inteira publicidade. Estabelece-se então entre os compradores uma especie de luta que é a **concorrença**; cada comprador procura fazer a sua compra ao melhor preço possível, offerecendo porém um preço tal que acha vendedor; cada vendedor busca vender o mais caro possível, mas a um preço tal que encontre ainda comprador para o que quer vender.

(Essas condições theoricas só são preenchidas nas Bolsas de mercadorias ou de titulos. Para todas as outras transacções da vida pratica, as condições de troca se afastam mais ou menos das condições theoricas, e a theoria não é verdadeira senão com uma approximação variavel. O commercio de retalho se afasta sensivelmente das condições theoricas. Ao contrario, para certos productos como o ferro, o carvão, o trigo, existe verdadeiramente um mercado mundial; e a differença de preço entre duas praças para taes productos é compensada quase exactamente pelas despesas de transporte, seguro e os direitos de alfandega. Os progressos da technica têm approximado enormemente a pratica da theoria. Ha um seculo, os mercados eram ainda isolados em grande parte; mensageiros a cavallo iam levar aos negociantes e aos banqueiros as cotações em pratica nas outras cidades; os transportes eram defeituosos. Hoje, elles são rapidos e bem organizados; a descoberta do telegrapho, como do telephone, e recentemente da radio-telephonia fazem que os preços sejam conhecidos por toda a parte ao mesmo tempo: a publicidade e o contacto geral se estabelecem pois entre os vendedores e os compradores do mundo inteiro que se reúnem nas Bolsas).

Assim, nas condições expostas, só pode existir um **preço ao mesmo tempo para a mesma mercadoria no mercado**. Com effeito, supponhamos que dois preços differentes coexistem, por exemplo 95 mil réis e 100 mil réis para uma mercadoria A. A publicidade sendo completa, o vendedor de A que vende a 95 mil réis se apressaria em ir ter com o comprador a 100 mil réis, e ambos fariam um bom negocio a um preço intermediario, mas o outro comprador e o outro vendedor fariam então offertas que se approximassem do novo pre-

ço para não ser afastados, e assim a seguir até que a igualdade de preço seja estabelecida.

(E' bem o que se verifica nas Bolsas. E' verdade que os preços ahi variam muito depressa no espaço de algumas horas; isso provem de que as disposições dos compradores e dos vendedores variam rapidamente. Ao contrario, em nosso systema estatico, nós tomamos a media dos gastos dos homens como dado fixo).

Passemos agora a fazer um estudo mais particularizado da procura. Uma regra que não soffre nenhuma excepção é esta : a curva da procura não augmenta nunca quando os preços augmentam. Ninguem vae comprar um objecto porque elle se torna mais caro, e se isto se dêsse para certos "snobs", o augmento da procura destes seria largamente compensado pela procura diminuida dos que não podem comprar o objecto ao novo preço mais elevado.

De uma maneira geral, o que se suppõe é que, as reduções de preços successivas iguaes, correspondem augmentos crescentes na quantidade procurada. E, na realidade, acontece sempre assim porque, baixando o preço, a mercadoria se torna accessivel ás classes de menos recursos; e, á medida que se desce na escala das fortunas, o numero das familias gozando um rendimento dado augmenta de mais a mais (salvo para as familias inteiramente miseraveis). Mas, no limite d'essas observações muito geraes, se pode ter uma curva da procura pouco variavel com o preço, ou muito variavel.

Em geral, as mercadorias de luxo têm uma curva de procura muito variavel, e as mercadorias de primeira necessidade uma curva pouco variavel. Ha de se notar que as curvas de utilidade se mostram a esse respeito de um modo opposto ao das curvas de procura. Isso se explica facilmente : as mercadorias de primeira necessidade têm para cada *homo economicus* uma utilidade final muito grande; mesmo se os preços sobem muito os compradores continuam a ser numerosos; por outro lado, uma baixa não acarreta um grande augmento da procura, precisamente porque a utilidade d'esses bens decresce rapido. Pode-se fazer o raciocinio contrario para as mercadorias de luxo. Falemos de **elasticidade do consumo** de um bem, para designar isto : que a procura de um bem varia mais ou menos com o preço

d'esse bem. Um bem que tem uma curva de procura muito variavel é de um consumo elastico : o consumo depende muito do preço; e, *vice-versa*, para os bens cujo consumo não é muito sujeito ao preço.

Examinemos agora com attenção os factores que podem influir sobre a elasticidade do consumo. 1.º O facto de ser uma mercadoria um artigo de primeira necessidade ou ao contrario um artigo de luxo é o factor principal, assim como o dissemos ha pouco.

2.º Em condições iguaes, um bem cujo consumo se faz nas classes ricas tem uma curva menos variavel que a de um bem consumido pelas classes pobres; para os membros d'estas ultimas, um augmento de preço de um mil réis por exemplo, representa um sacrificio muito mais consideravel que para pessoas das classes ricas. A elasticidade do consumo é pois muito maior no primeiro caso que no segundo.

3.º Os bens para os quaes não existem succedaneos têm uma curva menos variavel que os bens que podem ser substituidos por outros. Diz um escriptor : "Se nada pudesse substituir a manteiga, a necessidade de pôr alguma coisa no pão me obrigaria a acceitar um augmento de 1 sh. a 2sh. por libra e não se traduziria para mim senão por um menor consumo. Mas se existe um succedaneo cujo preço não augmenta senão de 8d. a 10d., minha necessidade principal sendo satisfeita pela margarina, eu não pensarei em pagar um supplemento de 1sh. 2d. pela pequena differença de satisfação que me causaria a manteiga".

4.º — Quanto mais um bem tem importancia relativa no orçamento de um individuo, mais o consumo d'esse objecto é elastico, porque os individuos são mais levados a reagir a variações de preço; se eu emprego em minha casa 50 grammas de cravo da Índia por anno, o seu preço pode dobrar, triplicar, quadruplicar, o meu consumo ficará o mesmo. Ao contrario, semelhantes augmentos de preço trariam uma bem grande diminuição de vinho, de carne do açougue, etc.

Os factores aqui enunciados se combinam entre si quer fortificando suas influencias proprias, quer compensando-se.

Em summa, nós reencontramos aqui sob uma forma mais concreta os factores que encaramos já na prelec-

ção anterior, a saber os gastos dos homens e os meios de que elles dispõem; porque a procura de uma mercadoria depende da utilidade que ella possúe para os diferentes sujeitos do mundo economico e dos rendimentos de que elles dispõem, e esses rendimentos provêm do emprego de seus capitaes e de seu trabalho graças aos quaes o mercado dos productos é alimentado: porque tal é o movimento circulatorio da vida economica.

Todas as nossas explicações até aqui feitas supõem que a curva da procura de uma mercadoria A depende somente do preço d'essa mercadoria. Facilita-se assim a exposição da theoria, mas é tempo agora de voltar á essa hypothese. E' facil ver que de facto não é quase nunca assim. Nós vimos um caso particular d'esse facto para os bens que podem ser substituidos por succedaneos: n'este caso, as procuras de cada uma d'essas mercadorias são ligadas uma a outra, e não dependem do preço proprio a cada uma d'ellas separadamente. Mas as procuras de todas as mercadorias são interdependentes entre si, como vamos mostrar; nós suppozemos a existencia de um nivel geral dos preços, salvo para uma mercadoria dada, e determinamos o seu preço. Em outros tempos, sejam A, B, C, D..., N as mercadorias; nós determinámos o preço de A, suppondo conhecidos os de B, C, D..., N.

Ora, não é possivel empregar esse methodo para conhecer os outros preços: nós não podemos dizer que, conhecendo definitivamente o preço de A, vamos determinar o de B, suppondo conhecidos os de A, C, D..., N. Isso seria raciocinar em circulo: o conhecimento do preço de A, não pode servir a determinar o preço de B, pois que, para determinar A, nós suppozemos B conhecido, e assim por diante. A ficção do "nivel dos preços" independente do de uma mercadoria dada é inadmissivel: esse "nivel dos preços" é elle mesmo uma incognita que se trata de determinar.

Aliás, a hypothese feita, hoje, aqui, contradiz aquella outra, feita anteriormente, segundo a qual o *homo economicus* se deixa guiar no mercado pela lei de Gossen. Do facto das utilidades finaes de todos os bens comprados no mercado deverem ser iguaes, se segue que os preços de todas as mercadorias são interdependentes quando os sujeitos do mundo economico chegam

no mercado dos productos, elles buscam não um producto determinado, mas a satisfação de suas necessidades. Elles começam pois por empregar os seus rendimentos em comprar os bens que satisfazem suas necessidades as mais intensas. A' medida que a utilidade final d'esses bens diminúe, lhes é licito applicar os seus recursos na compra de novas mercadorias, **conjunctamente com as mercadorias que elles já começaram a comprar**, e pois a procura d'esses bens não é independente da dos outros. Assim é afastada a ficção do nivel dos preços pre-existentes: todos os preços se determinam ao mesmo tempo. E nós ficamos tendo por esta fórmula uma primeira idéa, muito tosca e muito approximativa, das relações de mutua dependencia que caracterizam o equilibrio economico geral.